

O compromisso da comunicação

«Queira Deus que esta cidade seja mais ouvidos e sensibilidade aos anseios, necessidades e intenções do povo brasileiro e seja menos comando, seja mais capaz de sentir as necessidades e os olhares do homem comum do que o púlpito de catequese. Queira Deus que seja muito mais o leme que sente as correntes da maré do que o timão que comanda o leme».

E com afirmações como esta que o cineasta e professor da Universidade de Brasília, Pedro Jorge de Castro, - prevê o futuro da comunicação em Brasília e os efeitos - benéficos que ela pode trazer para os habitantes da cidade nos próximos 20 anos.

Na opinião do cineasta, o papel que os meios de comunicação poderão exercer no desenvolvimento social de

Brasília será aquele de levantar questões pertinentes aos pequenos grupos e às comunidades de base, além de ser capaz de provocar mudanças e não apresentar modelos pré-elaborados. «Acredito que a força do provocar mudanças maior esteja em fazer a cabeça das pessoas no sentido de que elas reconheçam a sua situação e sua possibilidade de mudar e aí decidirem elas mesmas a direção da mudança».

Para chegar ao «fazer as cabeças das pessoas», Pedro Jorge assinala que não se espera poder contar com os grandes meios de comunicação, como a grande imprensa, o grande jornal, a grande televisão, mas sim descer de novo à comunicação face a face, que são formas alter-

nativas de comunicação onde se pode incluir a literatura de cordel, os livretos de literatura, o megafone, o palanque, as mesas redondas etc. Essas formas alternativas seriam, inclusive, encarregadas de descomprimir a tensão criada na relação das pessoas com os grandes meios de comunicação, que é uma relação estranha na medida em que estes são descomprometidos.

O professor Pedro Jorge julga a importância do trabalho dos comunicadores nesta nova forma de comunicação a partir de uma frase dita por Sartre: «O homem é responsável por si e pelos outros», e, segundo ele, a partir do instante em que sabemos desse pensamento somos muito mais responsáveis por nós mesmos,

e muito mais ainda, pelos outros. Na sua opinião, quem dispõe dos conhecimentos e também dos meios e não os emprega no sentido da evolução de sua sociedade passa a ter uma dívida ativa. Neste caso, argumenta que se os comunicadores sentem essa doença de Brasília, como organismo e não pensam em propostas, eles estão se furtando a um dos mais louváveis e interessantes exercícios do seu campo de trabalho.

Para Pedro Jorge, a comunicação em Brasília tem papel importante, que é a tradução da missão da própria cidade como centro político do país: «E essa tradução será, em outras palavras, esclarecer para o homem comum o processo político, de maneira a conscientizá-lo e responsabilizá-lo pelas suas ações».